



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

MULHERES REVISTAS: EDUCAÇÃO, SOCIABILIDADE E CIDADANIA NA REVISTA¹ A CIGARRA (1914-1920)

Lílian H. de Azevedo
Graduada em História e Mestre (História e Sociedade) pela UNESP/Assis

RESUMO: A proposta desta comunicação é trazer algumas reflexões acerca das representações sobre o feminino em artigos veiculados na revista paulistana *A Cigarra* como parte de um trabalho mais amplo em História, demonstrando a sua importância interdisciplinar. Surgida em 1914 como revista de variedades teve seu discurso mais apropriado e agradável ao público feminino. Num tempo em que tal noção de público, bem como da segmentação dos periódicos estava sendo formada, a revista acompanhou a vertente dos magazines ilustrados de caráter mundano cujo chamamento às mulheres pendia, não raro, para o “bom feminismo” ou feminismo como deveria ser. Contrária à vertente feminista libertária, tal característica liberal foi exposta em artigos dirigidos às mulheres demonstrando a preocupação dos enunciadores com sua educação, cuja tarefa primeira era a de serem o pilar moral da família e educadoras dos futuros cidadãos da Pátria.

Palavras-chave: Mulheres; Representações; Feminismo.

Introdução

As décadas iniciais do séc. XX são consideradas na história da imprensa brasileira o momento dos primórdios das revistas ilustradas. Acompanhando o crescimento das cidades, as revistas, de um modo geral, buscavam integrar-se ao tão proclamado progresso, cuja ordem era a de oferecer tanto a boa leitura da produção local dos escritores e poetas quanto os produtos da indústria nascente local, dos importados e, principalmente, do comércio e serviços. Na esteira daquela variedade da oferta de produtos, os anunciantes encontraram nos magazines ilustrados uma vitrine eficiente e poderosa. Também a noção de público, bem como de gênero estava naquele momento sendo edificada e, por conta do alcance que tiveram muitas das publicações do período, é possível avaliar-se a importância destas para a difusão de padrões de comportamento, de modelos estéticos desejáveis e na busca de se construir um ideal de identidade.

Inserida no padrão de empresa-empresa,² cujo aparato técnico, a infra-estrutura de produção e distribuição permitiu grandes tiragens e alcance até mesmo no exterior, a revista *A Cigarra*, surgiu em 1914 na cidade de São Paulo³. Concebida de início como revista ilustrada e de variedades, por seu conteúdo *agradável, ameno e mais adequado às mulheres*, teve estas como seu maior público, passando pouco tempo depois ao segmento das revistas femininas. Tais assertivas bem demonstram que a noção corrente

1 Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



do que era apropriado às damas e senhoras da sociedade iam ao encontro das publicações desse gênero, visto que as más leituras poderiam incorrer na desagregação da estrutura familiar e de todo um complexo de normas sociais e morais vigentes. Porém, ao mesmo tempo em que algumas leituras eram autorizadas, sobretudo pelos pais e maridos daquelas leitoras, o germe da ilustração, da informação e esclarecimento, também era disseminado. Ao lado da informação sobre novidades aportadas da França e Inglaterra nos magazines e casas comerciais, surgiam informações sobre livros, escritores(as) e militantes políticos(as) - e junto destes, as idéias -, vindos do exterior.

Em um país onde o número de analfabetos superava os de letrados, as cidades mais desenvolvidas possuíam mais escolas bem como professores particulares que as do interior, muitas ainda de feição predominantemente rural. Embora tais centros conhecessem maiores variedades de publicações, as revistas ilustradas traziam a fotografia, a charge, as cores o material visual que já buscavam formar e inserir a identidade dos produtos na vida das pessoas, inclusive iletrados e muitas foram as que tiveram grande circulação pelo interior do país. As mulheres passeando nas ruas, nos parques, indo aos bailes, provocavam reações diversas: da aprovação e comentários lisonjeiros como se fossem os novos adornos coloridos das ruas à repulsa e medo de se haver chegado ao fim dos tempos. A figura feminina disseminando-se em espaços públicos ainda era tabu que os difusores do exercício da sociabilidade na urbes, por meio dos periódicos ilustrados empenhavam-se em derrubar.

O conteúdo *ameno*, proclamado por alguns pesquisadores ao tratarem de *A Cigarra*, na verdade se dava na quase ausência de comentários sobre política e confrontos sociais em suas páginas. Porém, sua inclinação ideológica foi patente e bastante elucidativa de um segmento conhecido como feminista liberal. Esse “bom feminismo” ou o “feminismo como deveria ser” demonstrou seu papel formador de opiniões por meio das representações sobre os modelos desejáveis ao sexo feminino, contidas nos discursos textuais e dentro destes, a busca de um ideal de cidadania às mulheres. A participação feminina no progresso da nação, na verdade em *A Cigarra* limitou-se, ao menos nos primeiros anos de sua publicação, a conclamar as senhoras e senhoritas daquela boa sociedade a estudarem, a ilustrarem seus pensamentos já tão contaminados pelas fitas cinematográficas que ofereciam romances e modelos vindos de fora.

A propósito, o feminismo, entendido como um conjunto de práticas exercidas sobretudo por mulheres que buscaram romper com conceitos ou representações a respeito do seu sexo resultou da emergência de ações coletivas das mulheres e da formação das primeiras correntes feministas, no século XIX, em grande número de países do mundo ocidental.⁴ No Brasil, tais práticas foram desenvolvidas em dois segmentos principais: o libertário e o liberal. Estes feminismos obedeceram às principais bandeiras difundidas a respeito da dominação sexista masculina em praticamente todos os segmentos da sociedade. Ambos, no nível mais intelectual, foram disseminados sobretudo por mulheres das camadas urbanas abastadas e médias da população.

A primeira vertente surgiu no seio do movimento anarquista e já levantava bandeiras que foram retomadas anos mais tarde, nas décadas de 1960 e 70, como o direito à posse do próprio corpo, a liberdade para o exercício da maternidade, o divórcio

1 Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



e a escolha livre do parceiro. Já o feminismo de cunho liberal surgiu como reflexo das aspirações das elites rurais e das camadas médias urbanas intelectualizadas, muitas vezes, acompanhando os ideais liberais dos maridos e pais daquelas mulheres.⁵ Suas principais bandeiras foram a participação social mais efetiva e o direito ao voto. Críticas em relação ao passado, observavam que, mesmo com o crescimento urbano, a modernização da vida social e a transformação da vida sedentária da grande propriedade rural, as mulheres não passavam a dar maior valor à educação. Ao defenderem, contudo, a participação da mulher na esfera pública, as feministas liberais esforçavam-se em evidenciar que não estavam com isso pretendendo a destruição da família, mas ao contrário, atuando para o seu fortalecimento.⁶ Cabe salientar que a mídia impressa foi a principal difusora das aspirações desses grupos de mulheres, ora como produtoras e proprietárias de revistas e jornais, ou apenas como colaboradoras nos veículos da imprensa de propriedade masculina. Tal foi, este último, o caso da revista *A Cigarra*.

A inclinação ao “bom feminismo” que conclamava as mulheres a participarem de maneira mais ativa para a formação da cidadã brasileira, cuja tarefa essencial e verdadeira missão era a de formar os cidadãos do futuro, seus filhos, pôde ser verificada com o trabalho de pesquisa documental de exemplares de *A Cigarra*, o que comprova a importância interdisciplinar de se estudar o periodismo impresso do período. Alguns temas apresentados aqui surgiram de um trabalho com o *corpus* documental, na seleção de matérias publicadas na revista *A Cigarra* nos primeiros anos de sua circulação, para a confecção de uma dissertação de mestrado. Porém, as possibilidades que o material coletado tem demonstrado extrapolam os limites do trabalho anterior e abrem, espero, novos caminhos (leia-se na área de Comunicação ou mesmo para historiadores. Estes últimos, por exemplo, não costumam utilizar a análise semiótica ou de discurso ao trabalharem com o periodismo impresso) além dos ligados à História que me propus tratar.

A Educação feminina: entre flores e espinhos

Com o crescimento dos setores médios, a urbanização e novas necessidades impostas pela vida nas grandes cidades, surge uma outra expectativa com relação à escolarização. Componente fundamental daquela sociedade, a informação expressava-se também na maior circulação de jornais e revistas, na instituição de novos hábitos e comportamentos, especialmente ligados às transformações urbanas, concorrendo para viabilização desse movimento. Contudo, o processo educacional que se estava verificando no crescimento do número de mulheres em sala de aula para se tornarem professoras não se dava sem resistências ou críticas. A identificação da mulher com a atividade docente, que hoje a muitos parece tão *natural*, era alvo de disputas e polêmicas.⁷ Comentários sobre a educação feminina bem como a natural missão da mulher em formar cidadãos da pátria, como bem demonstrado na passagem grifada na seqüência a seguir, foram uma constante na revista:

As Normalistas.

(...) Quando ellas passam de cabeça nua, os livros sob os braços, rindo alto, chalrando, segredando, é um espetáculo que acelera os rythmos do coração e põe no espírito scismas profundas. Os rapazes ficam num extasis. Alguns, os mais ousados, dizem-lhes madrigaes balofos. Eu por minha vez, como já tenho

1 Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



cabellos brancos, sigo mentalmente a esteira dos seus passos, limito-me a sorrir, pois vejo sómente na normalista o germen da professora ideal, daquella a quem a familia terá de confiar as suas esperanças, o seu esteio futuro.

As escolas destinadas à formar futuras mestras conheceram um incremento significativo no início do século XX, época em que a preocupação com o ensino público passou a fazer parte das discussões governamentais. O enunciador anônimo de *A Cigarra* dando continuidade às suas observações citou ainda a importância que teria a educação feminina para as gerações futuras:

E ponho-me então a descer á raiz das coisas e a pensar nas transições da vida. Aquella moça que os meus olhos sem palpebras seguem, é agora o desprendimento, o riso e o coração perfumado de sonhos. Amanhã já não será assim. Amanhã essa moça mostrará um semblante preocupado, austero, revelador de uma grande responsabilidade, porque lhe deram o encargo de illuminar as escuridões da intelligencia, de distribuir uma semente de luz lá longe, nos sertões do Estado, entre creancinhas para as quaes passou a ser a professora, a amiga, a mãe carinhosa.⁸

As passagens grifadas revelam a aura missionária, com freqüência associada às funções educacionais atribuídas às mulheres, fossem elas mães biológicas ou antes *espirituais*. Sem esquecer a vantagem adicional dessa atividade como fonte possível de rendas para a família, não se deve perder de vista que a profissionalização da mulher ainda era incipiente no período, exceção feita àquelas que pertenciam às camadas mais pobres. Costureiras, operárias, lavadeiras, amas desempenhavam funções subalternas e marcadas por estereótipos. O trabalho feminino, de um modo geral, ainda era tido como antessala da desagregação da família, do abandono dos filhos e maridos. Mesmo entre os ativistas do movimento operário, a labuta das companheiras era condenada, tanto por questões morais, quanto por razões ligadas às estratégias da luta. Além de as mulheres receberem salários menores e competirem no mercado com os homens, não raro se abstinham de participar dos grupos de ação por temerem o desemprego e por não terem permissão dos companheiros e pais para tal fim.

Muitas eram as dificuldades impostas às mulheres para que alcançassem os patamares econômicos, a liberdade de atuação pública e o reconhecimento pessoal e profissional semelhantes aos dos homens. Eram vistas como dependentes do pai e do esposo, ao quais lhes garantiam o sobrenome e, conseqüentemente, um lugar na sociedade. A morte do provedor poderia implicar a entrada no reino da necessidade, acarretando-lhes a responsabilidade de assumir o fardo de prover o lar. Ainda assim, as preocupações com a educação feminina, fosse para a sagrada missão de educar seus próprios filhos ou os filhos da Nação, era envolta de apelos valorativos que determinavam o grau de complexidade intelectual esperado para o gênero feminino. Não deveriam preocupar-se em demasia com assuntos exteriores aos domínios do lar, tanto que tinham nos ginásios disciplinas ligadas às prendas domésticas, mas deveriam saber tratar de assuntos vários, para serem companhias agradáveis, para conversarem

1 Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



nos salões e não envergonharem seus pais ou esposos. De qualquer forma, o germe estava sendo lançado e foram várias as passagens que deram conta dessa migração feminina para as escolas e das críticas às que se empenhavam em casar cedo demais.

No exercício das sociabilidades: do “gineceu” ao espaço público.

Segundo os códigos oitocentistas, uma dama pode assistir a um espetáculo, sob a condição de que ocupe um lugar num camarote. Se ocupar uma poltrona do balcão ou da platéia, deverá estar acompanhada por um homem, marido, irmão ou parente. São espaços abertos, expostos, onde ela precisa de um guardião, sob a pena de recair sobre si a suspeita de ser uma mulher “pública”, tal como onde se encontra.⁹

A revista estampava cenas as mais diversas sobre a cidade e a boa sociedade. Nelas é clara a presença maciça de mulheres, em primeiro plano, o que pode levar a crer que os espaços públicos eram, naquele momento, por excelência femininos. Nas ruas, nos bailes, nas quermesses, nos corsos: onde quer que estivesse a mulher, nas décadas iniciais do século XX, já era vista só, andando nos bondes, fazendo compras, indo à missa, passeando, divertindo-se nos parques, cinemas e teatros. Era sim um *quadro* novo, uma novidade que estava sendo amplamente difundida sobretudo pelas revistas mundanas. Havia apelos insistentes pedindo a presença de beldades, que por motivo de viagem ou mesmo sem um motivo claramente exposto, apenas sugerido pelos sujeitos enunciadores, ausentavam-se dos eventos promovidos na cidade. Sem dúvida, um vai-e-vem de corpos femininos que tornava os códigos oitocentistas cada vez mais obsoletos, para desespero de muitos.¹⁰ Entretanto, no coro dos contrários porfiavam os que se indignavam e não concordavam com aquele estado de coisas, lançando sua ira e críticas aos pais e maridos daquelas meninas, moças e mulheres maduras.

E não bastassem as críticas sobre a presença das mulheres nas ruas sobressaíam ainda os artigos que tratavam do modo escandaloso como se vestiam para os padrões do período, contribuindo para a justificativa da negação da liberdade de ir e vir, naquele cenário urbano, conquistada aos poucos pelas mulheres. Artigos e crônicas, como as seqüências a seguir, comentavam sobre os excessos da moda e os perigos que tais excessos poderiam causar às famílias, na desagregação dos padrões morais, o que implicaria abalar um dos alicerces fundamentais daquela sociedade. O primeiro é um excerto de uma crônica intitulada *Saias e Penteados*¹¹:

Pois é uma beleza, a tal moda nova. Se for irmã da que ainda ahi reina, os senhores costureiros de Paris bem poderão mudar de offício, visto como é patente a decadência da sua imaginativa. Essas saias curtas que elles inventaram para o verão e que as americanas do norte e do sul tem usado no inverno, não são mais que um excellente pretexto para mostrar pernas tanto ou quanto bem calçadas em meias de fina sêda. Não é a tôa que certos sujeitos se vão postar em frente às paradas dos bondes e depois, á noite, nos clubs e cafés, se dão á tarefa de enumerar, por entre risinhos e reticencias, certas particularidades femininas. Se paes e maridos os ouvissem, nem um só consentiria que sua filha ou sua esposa viesse á rua com as curtíssimas saias da moda.

1 Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



O seguinte diz respeito às prescrições do então arcebispo de Mariana (MG) aos vigários daquela diocese a respeito dos exageros da moda, tida como uma fera indomesticável. Dentre suas recomendações estavam o combate aos costumes, derivados do modernismo, que se iam introduzindo no Estado e que poderiam prejudicar tristemente a boa moralidade das famílias. O sujeito enunciador, por sua vez, elogiava o cuidado do “dedicado pastor de almas” e desaconselhava o uso de vestidos decotados que deixavam descobertos os ombros e colos, para cujo resguardo se empregariam as roupas, ou ainda os trajes apertados e “restrictos que encobrem as formas do corpo.”¹² Sempre louvando a atitude da autoridade eclesiástica, acentuou a fascinação exercida pela moda sobre a mulher, a quem se deveria educar como forma de salvaguardar o pudor, a castidade e a honra:

Ella, seguindo á risca os figurinos que vem de Paris, adopta-os, convencida de que não é um pouco de nú da sua toilette que a poderá tornar indecente. Indecente poderá parecer, é-o, indiscutivelmente, o corpo vestido que pela sua attitude ou pelo seu mau pensamento provoca os sentidos do homem. Portanto, o que é preciso combater, primeiro que tudo, é o affrouxamento moral que invadiu todas as classes. A educação é a célula fixa que resiste, pela inalterabilidade da sua natureza, a todos os gêneros de inovação. Cuidemos do cérebro, porque sem a saúde deste não pode o resto do corpo ser saudável.(...)O perigo existe tão somente no descuro com que na época presente se ministra a educação da vontade e do sentimento. Essa educação, eminentemente racional, devia começar no berço e terminar no casamento, cingida aos mais salutaes preceitos phisicos, moraes e intellectuaes.¹³

Diante das novidades, os pais e maridos eram instados a atualizarem-se a respeito dos novos perigos que rondavam a educação das filhas e condutas das esposas. Ao lado dos discursos enunciadores do veículo - a revista -, que abrigavam as inovações impulsionando e encorajando as mulheres a se educarem, a saírem às ruas, a comparecerem aos bailes, festas e corsos de carnaval seguiam os que condenavam as mudanças em curso espelhando a tensão entre modelos contrastantes e expondo que não se deveria supor que valores como pudor, honra e família tivessem perdido seu prestígio. O primeiro trecho demonstra a indignação aberta ao que o sujeito enunciador – articulista - considerou indecente, momento em que expôs seus motivos declarando conhecimento de uma prática então comum entre certos homens, de se espiar partes pudicas do gênero oposto. Já o segundo trata em princípio das mesmas observações porém com claro apelo ao culto ao cérebro, o que permite afirmar tratar-se de um recado à todas as mulheres, de “todas as classes” ao pensamento feminista liberal de educação e virtude moral acima das preocupações com a aparência e a vaidade. A importância de tal comentário embora hodiernamente considerada machista e autoritária, deve ser entendida em sua especificidade histórica e, portanto, ao contextualizá-la no período em questão levantou a questão dos modismos criticamente mas questionou o caráter moral, edificado segundo normas do comportamento que era desejável às mulheres, independente do tipo de roupa que estivessem usando. Nas passagens grifadas, se o primeiro tratou da afronta aos olhares masculinos acostumados a discernir pelas vestes

1 Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



as mulheres honradas, “de família”, das levianas, “modernas” - e a longo termo, prostitutas -, o segundo não discordou do papel que o representante religioso estava desempenhando ao coibir os abusos dos trajes *indecentes* pelas fiéis mas levantou a questão da sugestão, na verdade, uma construção cultural, uma representação com foro de natural do poder de sedução feminino ainda que aparentemente decente nos trajes. Tal passagem reflete historicamente uma continuidade que assumindo sua temporalidade histórica, traz uma prática do século XX aos dias de hoje. Quantas mulheres sofrem ataques físicos ou verbais pela roupa que faz uso e quantas ainda são culpabilizadas por haver despertado no homem tal desejo irrefreável?

Fica claro que as teorias em voga daquele tempo sobre a submissão e fragilidade femininas em relação ao homem foram colocadas e o casamento seria a panacéia, chancelada pela ciência e jurisprudência e acatada pela elite, que regularia os sentimentos exaltados da mocidade. Os tempos eram outros, anunciavam as novas modas e cabia às mulheres buscar adaptar as novidades ao bom senso, o que, muitas vezes, implicava em aceitar e seguir moralmente o que era ainda o senso comum.

No exercício da cidadania: “a grande victoria feminina”.

O número inaugural d’A *Cigarra* publicou na seção “Na Berlinda” nota dedicada a uma jovem cujo comportamento contrastava com as representações da mocinha casadoira, frágil e frívola comumente ressaltada na própria revista em diversas oportunidades. Tratava-se de Baby Pereira de Souza em uma seção que perfilava jovens, moças e rapazes que se distinguiam em seu meio social.

Na berlinda

- Mlle. M. C. (B.) P. de S. Extranham as iniciaes, pois não? É que Mlle. procura, por todos os meios ao seu alcance, substituir os seus dois primeiros nomes(...) por um vezzegiattivo inglez, (...) e entretanto, é perfeitamente contraria a impressão que produz á primeira vista. Robusta, grande, cabellos castanho claros, olhos azues, voz forte e agradável, Mlle. é uma das moças em maior evidencia em São Paulo. Patina e dança muito bem, é perita no tennis e dizem que até rema... Não cause isso admiração, pois Mlle. é uma reformadora... Não tolera o preconceito, e, - digamol-o francamente, - dá a impressão perfeita de uma feminista, de uma éclaireuse, como modernamente se diz.¹⁴

As informações sobre a personagem se seguiram, as quais alertavam aos leitores que ela não deveria ser caracterizada como pretensiosa, mas ao contrário, suas idéias provinham do fato de haver estudando Filosofia e História. A afirmação de que não tolerava o preconceito foi suficiente para receber a caracterização de feminista. Por outro lado a excepcionalidade do exemplo era apresentada de tal forma que se subtraía a possibilidade do mesmo servir como um modelo para as leitoras, ao menos nos números iniciais em que timidamente o assunto era colocado. Entretanto, deve-se registrar que cerca de um ano depois, em janeiro de 1915, a mesma personagem venceria um concurso promovido pela A *Cigarra*, como a loura mais bonita de São Paulo, obtendo o total de 364 votos.¹⁵

1 Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



Por não participar do processo produtivo, a mulher dona de casa encontrava-se em situação de total dependência econômica, condição que só se alterava excepcionalmente. No âmbito público, estavam associadas às obras humanitárias, sendo-lhes negado o direito da participação direta, uma vez que estavam privadas dos direitos políticos, embora na década de 1910, tivesse havido um significativo aumento das adesões à causa sufragista.¹⁹ Divulgavam a organização de eventos como reuniões, bailes, chás, festas, destinadas a obras de caridade. Era importante preencher o tempo com tais preocupações, segundo ditavam as normas sugeridas de bem viver dos manuais e guias destinados às donas-de-casa, de há muito apreciados na Europa e difundidos às nossas elites nas próprias revistas. Esses eventos, tal qual *tarefas*, eram descritos como deveres de sociedade,¹⁶ povoando o cotidiano das mulheres das camadas abastadas. O ritual comportava desde a eleição do motivo do acontecimento, passando pelo processo de organização, divulgação e realização propriamente dita, que, não raro, incluía a presença de belas senhoritas emprestando sua simpatia e graça para o seu sucesso. As notas sociais das revistas cobriam o evento, dedicando-lhe considerável número de páginas. Aliás, muitas das seções existiam e se mantinham em função desses acontecimentos, particularmente numerosos durante o período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Organizá-los trazia prestígio e fama àquelas que tomavam a si a tarefa, sobretudo quando contavam com a presença de personalidades destacadas da sociedade paulistana:

Festa de Benefício

Promette grande brilhantismo a matinée infantil que, por iniciativa de distintas senhoras de nossa sociedade, se realizará a 13 do corrente, no Theatro Municipal, em benefício da Cruz Vermelha Ingleza e das creanças belgas(...).

Em Benefício dos Albergues Nocturnos

O nosso brilhante collaborador Amadeu Amaral, que realisou uma bella palestra sobre “As Arvores” no Salão Germania, tendo ao lado as excmas. Senhoritas Maria Amelia Castilho de Andrade e Véra Paranaguá, d. Liddy Chiaffarelli Cantú e maestro Agostinho Cantú, que tambem tomaram parte na magnifica festa realisada em benefício dos Albergues Nocturnos. (...) por iniciativa de distintas senhoritas e cavalheiros da sociedade paulista.

Collaboração das Leitoras

Uma de nossas gentis collaboradoras escreveu-nos amavel cartinha, na qual aventa a idéa de se constituir a liga beneficente da “Cigarra” em pról das creanças pobres. Essa liga poderia ser formada por todas as moças que dão a “Cigarra” a honra da sua correspondencia quinzenal e, aos intuitos da Liga, ellas teriam uma feição eminentemente caridosa.

Aproxima-se o inverno, diz a nossa collaboradora. Não é só a fome que abate muitos lares. Também nelles falta o calor que dá vida ao corpo das creaturas, porque os pobres não dispõem de roupas com que agasalhar os seus filhinhos (...) A nossa collaboradora teve uma inteligente comprehensão da hora grave que sôa para o pauperismo e pensou com piedoso sentimento naquelles que sofrem, a

1 Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



maioria dos quaes em silencio e completamente ignorada dos corações bem formados.(...) ¹⁷

O último exemplo, no entanto, relatado na forma de um discurso indireto, tratou-se de uma iniciativa pessoal de uma leitora, embora em nenhum momento seu nome, nem iniciais tenham sido mencionados. Entretanto, à entidade enunciadora, a revista, caberia a responsabilidade pelo nome emprestado à ação (“Liga beneficente da Cigarra”) o que já validaria a caridade pretendida, ainda mais que fora lançada na seção que sobrevivia das cartas das leitoras, seção esta que chegava a quinze, vinte páginas por publicação. Muitas dessas *tarefas* tinham como propósito a elevação do gênero feminino como ser mais sensível e maior responsável às causas sociais, com especial atenção à caridade. Era esse asserto da grande característica intrínseca à constituição do sexo feminino, o grande propulsor do bom feminismo no período.

Dentre as colaborações femininas na revista, que atestam a sua inclinação para o “bom feminismo” ou o feminismo como deveria ser, outro excerto apresentado a seguir merece destaque por evidenciar, com clareza, os preceitos da organização feminista liberal. A passagem grifada esclarece as pretensões e o conceito que aquelas mulheres tinham do feminismo que julgavam e reconheciam como o verdadeiro. Essa nova construção de uma subjetividade feminina, expressa nas caracterizações do que seria a “mulher moderna”, apoiava-se, de fato, nas representações *clássicas* a respeito da feminilidade, como atestam as críticas às seguidoras de modelos contrários à doçura, ao equilíbrio das ações, à beleza e candura da alma e caráter elevado.

Antes da grande guerra, o feminismo atravessára apenas uma phase ridícula e burlesca. Era antipathico ás pessoas sensatas. Um dos mais brilhantes espíritos brasileiros disse a esse respeito, no seu bello livro ‘Alma Latina’ - ‘Seria ingenuo e suficientemente ridículo este ideal se resurgisse hoje, de uma força cavaleirescamente armada em protectora gratuita da fraqueza. Ella nos dá, porém, uma lição moral’. Se a própria mulher deixou de ser um ideal, para se fazer um elemento positivo, um factor economico na vida dos povos? Se a dona gentil e proctetora da idade média se transformou na feminista violenta, que atira dynamite e provoca conflictos! Dulcinéa morreu, o modelo é Pankurst. É erroneo julgar o feminismo atravez de um punhado de tresloucadas discipulas dessa velha miss. Feminismo não póde ser nem será nunca synonymo de violencia(...) A evolução morosa, mas persistente, por que vem passando a alma feminina, luctando com infatigável paciência contra a má vontade do sexo forte, que entrava sempre as suas menores aspirações de liberdade, conseguirá alcançar victoriosamente o seu ideal. E a unica ambição do verdadeiro feminismo não é de elevar-se ao nivel do homem: não é pretender subjugal-o, rivalisando em certos terrenos exclusivamente masculinos: política, administração e responsabilidades publicas! A mulher moderna quer apenas receber uma educação que a torne capaz de se governar sosinha na vida, quando for preciso e, poder orientar a instrução dos seus filhos. Ella deseja a abolição dos velhos preconceitos com que a humanidade a tem constantemente esmagado: procura libertar-se dos liames compressores da sua fraqueza, inventados pelo egoísmo

1 Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



dos homens, que se obstinam em não querer despojar-se do seu domínio secular. Foi necessário que uma face do mundo se transformasse num antro imenso de ferocidades para que as qualidades inatas da mulher achassem terreno onde, por uma sensibilizadora imolação, pudessem definitivamente conquistar a benevolência do homem.¹⁸

Um problema levantado pela articulista era percebido mais de perto nos países que participaram da conflagração européia. As mulheres aderiram ao esforço de guerra rumando para as fábricas que ainda produziam, visto que muitas foram fechadas pela carência de matérias-primas. Também dirigiram-se ao *front*, para socorrer os soldados como enfermeiras e tal profissão elevou-se admiravelmente no conceito das elites brasileiras, tanto que ao lado do magistério passou a ser outro ofício desejado pelas moças daquela classe social. Em vista desse fato as questões sobre a capacidade da mulher (sobretudo a da elite, visto que grande número de mulheres das camadas menos favorecidas trabalhavam há muito mais tempo) em produzir, sustentar uma casa, trabalhar fora, ser independente financeiramente vieram à tona, pois tanto a capacidade produtiva quanto a responsabilidade para com o lar tomavam novas feições. Tais discussões tomaram corpo ao término do conflito e com a volta à normalidade. As mulheres deveriam voltar ao estágio anterior à guerra, porque aquele momento fora de exceção. Outra observação levantada na seqüência foi que ao mesmo tempo em que se insistia na emancipação e se incentivava a participação feminina no espaço público e na vida social e cultural do país, propugnava a necessidade da instrução e, opcionalmente, do trabalho, com a finalidade de educar melhor os filhos, os homens e mulheres do futuro.

As feministas libertárias, por sua vez, não dispunham de espaço nas revistas mundanas. Restava-lhes manifestar seus ideais na imprensa militante, ou em iniciativas *heróicas*, como as revistas *Aurora* (1905) e, posteriormente, *Renascença* (1923), de Maria Lacerda de Moura. Perseguidas e duramente criticadas pela maioria da intelectualidade, embora grande parte dos ativistas fosse proveniente desses mesmos círculos, as feministas anarquistas propunham mudanças radicais nas relações entre gêneros e nas concepções a respeito do amor, maternidade, sexualidade, família, controle da natalidade, entre outros,¹⁹ o que era considerado uma afronta à entidade enunciadora, como foi exposto.

Palavras finais.

Ao longo do texto, busquei demonstrar uma breve passagem de vistas pelas matérias de uma revista já inexistente e por muitos absolutamente desconhecida. A validade de se tomar tais discursos de um passado aparentemente distante e estudá-los mais de uma vez revela uma faceta do pesquisador que crê que nenhuma análise é definitiva e nenhuma fonte documental pode ser negligenciada e/ou esgotada. À parte as considerações metodológicas, importa salientar as nuances do objeto a ser encontrado, no caso: que mulheres existiram e que foram estampadas no passado, segundo as revistas? Eram reais? Tinham voz? Por isso, ao ser negado a elas tamanho espaço, tratar das representações a respeito do sexo feminino que povoaram o imaginário masculino

1 Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



exposto nos discursos daqueles periódicos foi, *stricto sensu*, uma das saídas encontradas. É possível que muitas mulheres tenham acatado tais assertivas a respeito do seu sexo, porém não creio que tenha sido pequeno o número das que fizeram vistas grossas. Também não existem provas concretas - e necessárias às análises acadêmicas - a esse respeito mas é possível reconhecer os indícios nas próprias páginas da revista, na quantidade dos artigos que retomavam o tema da necessidade de se rever a educação que se estava empreendendo às moças e à juventude de um modo geral.

Por fim, faço votos para que as análises interdisciplinares deixem de ser apenas um desejo para muitos ao passo que acabamos por validar as normas impostas pelo academicismo ao elaborarmos trabalhos estritamente articulados às nossas áreas de pesquisa e conhecimento. Porém, como tratar semioticamente, por exemplo, as imagens veiculadas pela revista extremamente reveladoras de um contexto histórico, em um trabalho de História? E o inverso? Tomo a reflexão a seguir como um exemplo de busca desse entrelaçamento entre os ramos do conhecimento, visto que acredito ser difícil aspirar a uma totalidade restringindo-se o nosso campo de visão.

“Durante séculos, a história foi vivida sob o signo da glória, sob o signo de uma ilusão muito forte que atua sobre a perenidade do tempo, por ser uma herança dos antepassados e se refletir nos descendentes. Esta paixão parece hoje irrisória. O que procuramos já não é a glória, mas a identidade, já não é uma ilusão, mas, pelo contrário, uma acumulação de provas, de tudo que pode servir de testemunho de uma existência histórica, ao passo que dantes a preocupação era perdermo-nos numa dimensão prodigiosa, a ‘imortalidade’ de que fala Hanna Arendt” (JEAN BAUDRILLARD)

Notas:

Liliana H. Azevedo - Graduada em História e Mestre (História e Sociedade) pela UNESP/Assis. Docente do curso de Design no IESB/Prevê-Objetivo de Bauru.(Contato: lihazevedo@ig.com.br)

² O termo empresa-empresa diferencia as produções do período em mercantis, que possuíam infra-estrutura organizada, divisão de trabalho no interior das redações e gráfica própria - como no caso de *A Cigarra* -, ou capaz de atender à demanda das ilustradas. Na primeira década do século, o Brasil não possuía equipamento gráfico adequado a esse tipo de empreendimento, o que fez com que uma revista do período, *Kosmos*, do Rio de Janeiro, fosse impressa no exterior. Sobre a análise de *Kosmos*, DIMAS, A. *Tempos Eufóricos: Análise da Revista Kosmos, 1904-1909*. São Paulo: Ática, 1983.

³ *A Cigarra* foi comprada em 1936 por Assis Chateaubriand e passou a ser editada juntamente com *O Cruzeiro* no Rio de Janeiro até 1975, ano em que parou de ser produzida.

⁴ VARIKAS, E. Pária: Uma Metáfora da Exclusão das Mulheres. *Revista Brasileira de História: A Mulher e o Espaço Público*. São Paulo: Marco Zero/ANPUH, vol. 09, nº 18, 1989, p. 19.

⁵ FERREIRA, V. C. Entre Emancipadas e Qimeras – Imagens do Feminismo no Brasil. *Cadernos AEL: Mulher, História e Feminismo*. Campinas: Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH, 1995/1996, p.153-200.



⁶ Artigos que polemizaram contra o mau feminismo, o feminismo que, entre outros, buscava destruir os modelos de feminilidade por meio de ataques terroristas, em prol do bom feminismo, foram tratados nos capítulos II e III do meu trabalho, AZEVEDO, L. H. de. *Mulher em Revista: Representações Sobre o Feminino nas Revistas Paulistanas O Pirralho e A Cigarra* (1914-1918). Dissertação de Mestrado. Assis: FCL/UNESP, 2000.

⁷ Tanto que dentre as discussões sobre a validade ou não de se delegar às mulheres a missão educadora de crianças foi alvo de controvérsias, embora se encarasse como evidente sua responsabilidade em relação à educação dos filhos, opinião que acabou por se tornar dominante. LOURO, Guacira L. Mulheres na Sala de Aula. In: PRIORE, M. D. (org.) e BASSANEZI, C. *História das Mulheres no Brasil* São Paulo: UNESP/Contexto, 1997 pp. 489,450.

⁸ *A Cigarra*, 16.10.1915. Grifos meus.

⁹ MARTIN-FUGIER, A. Os Ritos da Vida Privada Burguesa. In: ARIÈS, P. e DUBY, G. (orgs.). *História da Vida Privada - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Vol.04. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 206.

¹⁰ De acordo com SEVCENKO, notas contrárias ao êxodo feminino do lar também podem ser encontradas no jornal *O Estado de S. Paulo*. A moda, as roupas colantes, a liberdade feminina, beirando a libertinagem dos costumes, deveriam ser refreadas, em nome da ordem moral. SEVCENKO, N. *Orfeu Extático na Metrôpole*. São Paulo - Sociedade e Cultura Nos Frementes Anos 20. São Paulo: Cia. das Letras, 1992, pp. 49-52.

¹¹ REY, Juliano. *A Cigarra*, 31/01/1916. Grifo meu.

¹² LEIROZ, Manoel, *A Cigarra*, 18.02.1916.

¹³ Id., Ibid. Grifo meu.

¹⁴ *A Cigarra*, 06.03.1914.

¹⁵ *A Cigarra*, jan. 1915. Os certames promovidos pela revista, em princípio foram um grande termômetro de vendas e, dentre estes, eram comuns perguntas tais como Qual o melhor partido (masculino) para casamento?, Qual o rapaz mais bonito e o mais feio?, Qual a loura ou morena mais bonita?, Qual a moça mais bem educada? etc. Para cada revista, havia um cupom encartado e os prêmios, que ficavam com frequência em exposição nos grandes magazines, como o *Mappin Stores*, variavam entre troféus e fotos dos vencedores, por exemplo, estampadas nas capas ou no interior das revistas. Certa vez, porém, a revista lançou uma nota que havia desclassificado um concorrente por que foram “descobertas” séries de cupons impressos em gráfica e não pertencentes às revistas, os quais foram enviados pelo próprio (a) candidato(a), colocando dúvidas quanto à fiel representatividade dos votos.

¹⁶ “*Tal tarefa, modificada ao longo do século XIX, representava a necessidade de ocupação social que poderia dar a sensação de um papel de importância nesse domínio. Cabia às mulheres da sociedade a realização de eventos que tivessem um sentido prático: o bordado, a costura, e principalmente a caridade em que se alternavam as exigências da moda.*” FUGIER, A. M., op. cit., p. 204.

¹⁷ *A Cigarra*, 11/05/1915, 07/06/1915 e 30/04/1916, respectivamente.

¹⁸ EMDEN, Eva Van, A Grande Victória Feminina *A Cigarra*, 23/11/1916, grifo meu.

¹⁹ RAGO, M. *Os Prazeres da noite*. Op. cit. Apud: FERREIRA, V. C. *Op. Cit.* pp. 162-166.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Bibliografia:

- AZEVEDO, L. H. de. *Mulher em Revista: Representações Sobre o Feminino nas Revistas Paulistanas O Pirralho e A Cigarra (1914-1918)*. Dissertação de Mestrado. Assis: FCL/UNESP, 2000.
- FERREIRA, Verônica Clemente. *Entre Emancipadas e Qimeras – Imagens do Feminismo no Brasil. Cadernos AEL: Mulher, História e Feminismo*. Campinas: Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH, 1995/1996.
- LOURO, Guacira L. *Mulheres na Sala de Aula*. In: PRIORE, M. D. (org.) e BASSANEZI, C. *História das Mulheres no Brasil* São Paulo: UNESP/Contexto, 1997.
- MARTIN-FUGIER, A. *Os Ritos da Vida Privada Burguesa*. In: ARIËS, P. e DUBY, G. (orgs.). *História da Vida Privada - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Vol.04. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- SEVCENKO, N. *Orfeu Extático na Metrópole*. São Paulo - Sociedade e Cultura Nos Frementes Anos 20. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- VARIKAS, Eleni. *Pária: Uma Metáfora da Exclusão das Mulheres*. *Revista Brasileira de História: A Mulher e o Espaço Público*. São Paulo: Marco Zero/ANPUH, vol. 09, nº 18, 1989.